

A TRAJETÓRIA DE GRAMATICALIZAÇÃO DE *QUE NEM*

Heloise Vasconcellos Gomes Thompson (Mestranda - Capes/UFRJ)

heloisethompson@gmail.com

Felippe de Oliveira Tota (Mestrando - CNPq/UFRJ)

felippe.tota@gmail.com

Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)

violetarodrigues@uol.com.br

Introdução

A língua portuguesa tem apresentado, em determinados contextos, o uso de *que nem* como conectivo comparativo. Tal uso, porém, não é prototípico, mas se caracteriza como um caso de gramaticalização. Desse modo, o presente trabalho tem por objetivo descrever a trajetória do processo de gramaticalização da construção *que nem* e apontar seu(s) uso(s) no português contemporâneo. Para tanto, utilizamos como aporte teórico desta pesquisa os preceitos do funcionalismo norte-americano e os princípios da gramaticalização, encontrados, entre outros, em Bybee (2010), Goldberg (1996) e Traugott (2009).

Por se caracterizar como um estudo pancrônico, recorreremos tanto a dados diacrônicos quanto a dados sincrônicos, em uma linha temporal que vai do século XIII ao século XXI. Consideramos, para a nossa investigação, todos os casos em que os itens *que* e *nem* aparecem em um mesmo co-texto linguístico, na tentativa de traçar sua trajetória de gramaticalização.

Este trabalho organiza-se da seguinte forma: no item 1, faremos uma breve descrição do tema; em 2, apresentaremos um histórico dos pressupostos teóricos utilizados em nossa pesquisa; em 3, apresentaremos a análise dos dados e traçaremos a trajetória de gramaticalização de *que nem*; em 4, forneceremos um panorama geral dos usos da construção no português atual; no item 5, apresentaremos, nas considerações finais, as conclusões a que chegamos; por fim, fornecemos as referências bibliográficas utilizadas na presente investigação.

1. O(s) uso(s) de *que nem* como conectivo

Ao observarmos diferentes dados da língua portuguesa, notamos o uso de *que nem* como equivalente ao da conjunção comparativa *como*, funcionando como introdutor de estruturas comparativas. Essa equivalência mostrou-se determinante para que estabelecêssemos a hipótese de gramaticalização envolvida em tais usos. Segundo Heine (2003), a gramaticalização é um processo contínuo, que se estende do âmbito lexical ao gramatical, envolvendo elementos da língua em uso. Desse modo, em uma construção como *que nem*, há características lexicais que se enfraquecem e características gramaticais que se fortalecem.

Apesar de a construção *que nem* já se encontrar dicionarizada como uma possibilidade de conectivo comparativo, a tradição gramatical, de uma forma geral, não a contempla entre as conjunções comparativas. Motivados por tal constatação, investigamos a abordagem de quatro gramáticas normativas do português, sendo elas Rocha Lima (2006), Cunha & Cintra (2007), Bechara (2003) e Luft (1978), no que se refere à articulação de cláusulas comparativas.

Cotejando as gramáticas tradicionais citadas anteriormente, notamos que todos os autores consideram *como* a conjunção prototípica para introduzir orações subordinadas adverbiais comparativas e todos admitem nessas estruturas a possibilidade de haver elipse verbal. No que diz respeito ao uso de *que nem*, entretanto, apenas Cunha & Cintra (2007) contemplam tal forma em sua listagem de conjunções comparativas. Tal evidência elucida que o uso de *que nem* em tal contexto caracteriza um processo recente em língua portuguesa, tornando o item mais produtivo nos últimos dois séculos (XX e XXI). Reforça esta ideia o fato de já se encontrar, por exemplo, no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Versão Eletrônica, 2009), uma categorização de *que nem* correspondente à de conjunção comparativa. Nesse dicionário, o uso de *que nem* é apresentado como característico de contextos informais para expressar igualdade em uma comparação.

Com base nos dados encontrados, defenderemos aqui que a forma linguística *que nem* constitui uma construção, que pode funcionar como conectivo comparativo. Tal construção, por sua vez, parece ter sua origem em construções consecutivas que permitiam uma leitura comparativa. Por este motivo, acreditamos que *que nem* seja um par forma-significado constituído a partir da junção da conjunção subordinativa consecutiva *que* e da partícula de negação e intensificação *nem*.

2. A visão funcionalista

A teoria funcionalista preza pelo estudo das estruturas linguísticas dentro de seu contexto de uso, reforçando a tese de que discurso e gramática modelam e interferem um no outro. Nesse sentido, para os funcionalistas, a gramática de uma dada língua é formada não só a partir de pressões internas a seu sistema, mas também de pressões externas a ele. Sendo assim, a gramática é concebida como um sistema adaptativo, que está em constante reformulação por meio dos usos que os falantes fazem da língua em situações comunicativas reais.

Sabendo que a gramática das línguas é emergente, por estar em constante mudança, podemos compreender melhor o surgimento de novas estruturas e novos usos a partir de uma perspectiva funcionalista. O uso de formas velhas para novos usos na língua constitui estratégia recorrente pelos usuários das línguas. Não é rara, portanto, a utilização de itens e construções lexicais para fins mais gramaticais. Tal processo é chamado de gramaticalização.

Traugott (2009, p. 91) entende como gramaticalização “a mudança pela qual em certos contextos linguísticos os falantes usam (partes de) uma construção com uma função gramatical, ou concebem uma nova função gramatical a uma construção já gramatical”. Na linha desse pensamento, supomos que *que nem* seja uma construção de origem gramatical que adquiriu uma nova função gramatical e resultou em um caso de gramaticalização. De acordo com Goldberg (1996), uma construção existe se uma ou mais de suas propriedades não são estritamente previsíveis pelo conhecimento de outras construções já existentes na gramática. Assim,

C é uma construção se, e somente se, C é um par forma-significado $\langle F_i S_i \rangle$ de modo que algum aspecto de F_i ou algum aspecto de S_i não é estritamente previsível a partir das partes componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas.

(Goldberg, 1996, p. 4)

Por essa via, entende-se que *que nem* constitua um par forma-significado, já que seu uso como conectivo comparativo não é previsível a partir da análise das partes que o constituem, sendo, assim, uma construção.

Sendo a gramaticalização um processo de mudança que envolve fatores de todos os níveis da língua, há alguns parâmetros que ajudam a identificar e descrever esse processo e seus diferentes estágios. Heine & Kuteva (2007) apresentam quatro parâmetros para a gramaticalização, sendo eles: extensão, dessemantização, decategorização e erosão.

O parâmetro da extensão possibilita-nos verificar o início do processo de gramaticalização, que geralmente começa como um ato individual, por meio do qual algum falante propõe um novo uso para uma forma ou construção já existente. Dessa forma, há uma ampliação das possibilidades de uso de determinado item ou construção, o qual é evocado por um novo contexto. A dessemantização ocorre como consequência imediata da extensão. Quando uma expressão linguística E é usada em um novo contexto C, a perda de parte de seu significado que é incompatível com C é requerida (cf. Heine & Kuteva, 2007). A decategorização envolve perdas de propriedades morfológicas e sintáticas que eram características de uma dada forma linguística em seu uso primário, mas que não são mais relevantes para seu(s) novo(s) uso(s). O componente da erosão constitui-se da perda de substância fonética por parte de uma forma linguística em processo de gramaticalização. Tal componente, porém, não é obrigatório do processo de gramaticalização de uma forma linguística, podendo haver casos em que o processo não alcança tal estágio.

Por sua vez, a gramática das construções não se atém especificamente às formas linguísticas, visto que cada uma das construções gramaticais, lexicais ou sintáticas possibilita interpretações semânticas e pragmáticas. Assim, palavras são vistas como construções. Nesse sentido, Traugott (2009) argumenta que parece desnecessário falar que itens lexicais e/ou construções podem ser gramaticalizados, mas o que necessita ser evidenciado é que construções menos gramaticais abrem espaço para construções mais gramaticais.

Apesar de a teoria da gramaticalização e a gramática das construções serem teorias distintas, pensamos que elas podem ser utilizadas em conjunto para que se possam descrever fenômenos de mudança linguística com mais precisão, complementando e aprimorando uma a outra. Desse modo, defendemos a hipótese de que *que nem* seja uma construção que, ao adquirir função de conectivo comparativo, se gramaticaliza. Em outras palavras, as formas *que* e *nem*, originadas de uma estrutura consecutiva, passam a funcionar como um único bloco e com funcionalidade diferenciada, gramaticalizando-se.

A fim de detalhar o processo de gramaticalização de *que nem*, interessam aqui, ainda, as contribuições de Bybee (2010). Segundo a autora, as línguas diferenciam-se uma das outras e estão em constante mudança; no entanto, tal mudança ocorre de maneira regular, ainda que apresente variação considerável em todos os níveis.

Nesse sentido, a linguista elenca cinco processos de domínio geral da língua: *analogy* (analogia), *chunking* (encadeamento), *rich memory storage* (estoque de memória enriquecida), *and cross-modal association* (associação transmodal) e *categorization* (categorização) (cf. Bybee, 2010)¹. Dentre os cinco processos

¹ Em Bybee (2010), entende-se como categorização a semelhança ou identidade de correspondência que ocorre quando as palavras, frases e suas partes componentes são reconhecidas e correspondem a representações já armazenadas. O estoque de memória enriquecida refere-se ao armazenamento das experiências específicas de cada indivíduo com a língua, envolvendo detalhes fonéticos para palavras e sintagmas, contextos de uso, significados e implicaturas/inferências. Por fim, a associação transmodal

enumerados, interessam ao trabalho os dois primeiros, visto que são eles os que melhor explicitam a trajetória dos usos de *que nem* ao longo dos séculos analisados em nosso *corpus*.

O encadeamento (*chunking*) é a relação sequencial cada vez mais fixa de duas ou mais palavras unidas em uma sentença. Essa relação torna-se cada vez mais forte devido a frequência com que elas são utilizadas dentro da cadeia sintagmática, sendo tal frequência de ocorrência um dos maiores responsáveis pela ativação desse processo. No que se refere à analogia, Bybee (2010) a concebe como o processo pelo qual um falante usa um novo item em uma construção, cotejando-a a outras estruturas e processos de mudanças já ocorridos. Dada a especificidade das construções e a forma como elas são construídas por meio da experiência com a linguagem, a probabilidade e a aceitabilidade de um novo item é gradual e baseada em seus antigos usos. Assim, novas construções vão estendendo o seu domínio e exercendo funções em contextos específicos.

Além disso, a analogia permite examinar a interação entre padrões gerais e específicos. Os padrões mais gerais da língua, antes de se tornarem gerais, surgem de padrões mais específicos. Isso a leva a discutir sobre a relação entre analogia e frequência, sugerindo haver um “efeito de conservação da alta frequência *token*” (cf. Bybee, 2010, p. 75). Isso significaria que as formas de mais alta frequência seriam menos propensas a sofrerem uma transformação analógica em relação às formas de baixa frequência. Por outro lado, a autora entende que é a frequência de tipo (*type*) que induz o falante a formar relações analógicas.

Por garantir a aplicabilidade desses dois processos, Bybee (2010) assegura a importância de lidar com estes dois métodos de quantificação da análise: a frequência *token* e a frequência *type*. O primeiro método lida com a frequência de ocorrência de uma unidade, seja palavra ou morfema na análise de um *corpus*; por outro lado, o segundo método refere-se à frequência de padrões, ou seja, o tipo de característica gramatical a que pertencem os itens coletados. Ela propõe que a quantificação das ocorrências (*tokens*) esteja dentro de um padrão funcional de uso identificado (*types*). Uma alta frequência de *tokens* pode desencadear mudanças importantes, pois tanto frequência *token* quanto frequência *type* contribuem para o ‘desbotamento’ do sentido de um elemento e a repetição de itens é um universal do processo de gramaticalização.

3. Analisando os dados: a trajetória de gramaticalização de *que nem* em uma perspectiva diacrônica

Ao analisarmos textos escritos datados do século XIII ao século XIX e roteiros de cinema pertencentes aos séculos XX e XXI, acreditamos ser possível a descrição do processo de gramaticalização de *que nem*. Os textos que contemplam do século XIII ao XIX são de gêneros variados, dentre eles cartas, crônicas e poemas. Os textos característicos dos séculos XX e XXI foram retirados de roteiros de cinema, disponíveis no *site* www.roteirodecinema.com.br.

A partir dos dados coletados pudemos perceber que as formas *que* e *nem* atuam como estruturas encadeadas, ou seja, como construção, em três diferentes circunstâncias: i) em estruturas adverbiais consecutivas; ii) em estruturas adverbiais comparativas; iii) em estruturas ambíguas. Vale ressaltar que utilizamos aqui a

envolve a relação entre situações que ocorrem simultaneamente e que passam a ser associadas cognitivamente.

nomenclatura “estrutura” e não oração pelo fato de termos dados que, apesar de veicularem circunstâncias, não possuem núcleo verbal expresso.

Com base nos dados obtidos, percebemos que estruturas consecutivas em que a conjunção *que* é seguida pela partícula de negação e intensidade *nem* são bastante recorrentes dos séculos XIII ao XVII, sobretudo no último. Observemos alguns exemplos:

(1) E, como avya muyto que no~ beveron, tam grande era a sede que avyam que no~ se fartava~ d'augua ne~ perdyã~ apetito de bever. Mas por ***tam*** vyçosos se tiinha~ com pa~ e augua ***que ne~*** avia~ cuydado doutro viço e com ello se tiinha~ por muy viçosos e muy avondados.
(*Corpus Crônica Geral de Espanha*, Lisboa, século XIV)

(2) E como naõ ha escola, onde se naõ achem discipulos bons, e máos, tambem nesta ha discipulos, que podem ser mestres; e ha outros ***taõ*** rudes, ***que nem*** para máos discipulos prestaõ, porque logo os apanhaõ.
(*Corpus Histórico do Português Tycho Brahe, A arte de furtar*, século XVII)

Em (1) e (2), temos estruturas consecutivas constituídas por pares correlativos formados por um item intensificador, que se encontra na primeira oração, e a conjunção consecutiva *que*, seguida da partícula *nem*, que se encontram na segunda oração.

Também encontramos dados de estruturas comparativas em que a oração principal apresenta um elemento intensificador e a conjunção *que* seguida da partícula de negação e intensidade *nem*. Analisemos os dados a seguir:

(3) E, des que foy ally honde agora he Tolledo, vyo que aquelle logar era e~ meo da Espanha ***mais que nem*** hu~u~ outro; e avya hy muy gra~de montanha.
(*Corpus Crônica Geral de Espanha*, Lisboa, século XIV)

(4) E he de boa sementeyra e he terra de boo aar e o pam dura hy muyto tempo que se no~ da~na, ca podem muy ben te~e~r o trigo nas covas per [dez] annos que nu~ca seera muy da~nado; e por esto se tiinha quando a guerreava~. E o seu açafram he ***melhor que nem*** hu~u~ outro de todollos d'Espanha, assy e~ tintura como e~ coor.
(*Corpus Crônica Geral de Espanha*, Lisboa, século XIV)

Nos exemplos (3) e (4), podemos perceber estruturas bem parecidas com estruturas consecutivas. Temos um item intensificador na oração principal e a conjunção *que* seguida da partícula de negação e intensidade *nem*. Tal contexto mostra-se, no entanto, ambíguo. A presença do sintagma nominal *hum* após a partícula *nem* não nos deixa claro se estamos diante de uma comparação qualitativa ou assimilativa. Talvez esta ambiguidade tenha sido a motivação para interpretações comparativas assimilativas para a construção *que nem*.

Imagina-se também que, por analogia às estruturas consecutivas, as estruturas comparativas como as mencionadas anteriormente tenham sido formuladas da maneira que foram. A partir daí, as formas *que* e *nem* foram perdendo seu significado original e começaram a ser interpretadas como uma única estrutura e o sentido de comparação, ao invés de surgir da relação entre um item intensificador e a conjunção *que*, passa a ser veiculada pela construção *que nem*. Consequentemente, deixa-se de ter uma comparação de caráter quantitativo e se passa a ter uma comparação de caráter assimilativo.

O novo contexto, ou seja, estruturas comparativas quantitativas apresentando a partícula *nem* em sua forma, começa, ao longo dos séculos, a perder o item

intensificador da oração principal e o conteúdo de comparação passa a ser vinculado à nova construção *que nem*. Temos, então, um contexto de mudança, o qual é incompatível com o contexto do seu significado-origem. Nos séculos XX e XXI, o uso de *que nem* como conectivo comparativo parece já estar convencionalizado entre os falantes, como podemos observar em (5):

(5) VELHO PEREIRA

Deus pai todo poderoso!

O patrício lutou na Segunda?

Perdi um primo querido lá.

*O gajo era corajoso **que nem** um galinho de briga...*

Morreu!

(Roteiro de *Cabra Cega*, século XXI)

Vale ressaltar que a perda do item intensificador não é característica exclusiva das comparativas, as estruturas consecutivas também apresentam essa perda ao longo do tempo. Tal fato reforça a nossa hipótese de que as estruturas consecutivas foram o gatilho para o uso de *que nem* como conectivo em estruturas comparativas.

Para realizar a quantificação dos dados, utilizamos como base os métodos de quantificação apresentados por Bybee (2010) e já supracitados (frequências *type/token*). Mantendo-nos em *corpora* de língua escrita e de gêneros variados para que se evitem quaisquer condicionamentos, categorizou-se a análise de *que nem* em dois diferentes *types*:

i) *que nem* consecutivo, em que a construção introduz orações subordinadas adverbiais consecutivas, sendo membro de um par correlativo, como no exemplo (6);

(6) O que quisera, com tudo, é que Vossa Mercê estivera já **tão** resignada, **que nem** dos meus não descuidos fizera muito reparo, nem dos meus esquecimentos já se lhe dera, recebendo simplesmente os acidentes do tempo, como a Terra recebe do Céu os influxos.
(*Corpus Cartas Espirituais*, séc. XVII)

ii) *que nem* comparativo, em que a construção funciona como introdutor de orações subordinadas adverbiais comparativas, como no exemplo (7), podendo ser membro de um par correlativo ou não;

(7) “Você vai sim, mas antes, a gente vai te ‘fazê’ uns carinho, **que nem** ‘feiz’ na tua irmãzinha”.
(Roteiro *Carandiru*, séc. XXI)

Para o *type* (i), tem-se o estágio inicial do processo de gramaticalização da construção; para o *type* (ii), tem-se a construção já gramaticalizada.

Ao todo, foram submetidos à análise 185 dados que envolviam a estrutura *que + nem*, incluindo aqueles que não constituíam uma construção e não configuravam *chunkings*. Analisaram-se, ainda, estruturas passíveis de ambiguidade, que já apresentavam a semântica comparativa nos períodos em que as construções de *que nem* consecutivo estavam em processo de gramaticalização. Observe-se, na tabela seguinte, a quantificação dos dados analisados por período:

ANÁLISE GERAL DOS DADOS		
Períodos	%	Números absolutos
<i>Arcaico</i>	8%	15
<i>Moderno</i>	54%	100
<i>Contemporâneo</i>	38%	70
TOTAL	100%	185

Tabela 1: *Quantificação de dados analisados em três feixes temporais da história da língua portuguesa*

Em um recuo temporal que se estende do século XXI ao século XIII, verificaram-se, com base na periodização de Mattos & Silva (1994), três feixes de tempo: o português arcaico – do século XIII ao século XVI –, fase em que os primeiros documentos são oficialmente escritos em língua portuguesa; o português moderno/clássico – de fins do século XVI ao século XIX – época em que surgem as primeiras gramáticas, responsáveis por descrever a morfologia e a sintaxe da língua, além de surgirem as primeiras diferenças entre a língua portuguesa falada na metrópole e nas colônias; português contemporâneo – do século XX ao século XXI, fase em que a rapidez dos avanços tecnológicos exigem a reestruturação lexical e em que colônias de língua portuguesa instituem-se como nação.

Observe-se, portanto, a distribuição da frequência de ocorrência (*token*) para cada tipo de construção (*type*) na tabela 2. Vale destacar que desconsideramos aqui as diversas construções *que+nem* que não interessavam ao nosso trabalho; por essa razão, a soma dos resultados da frequência *token* (em %) não chega a 100%, já que nem todas as construções eram comparativas ou consecutivas.

Periodização Distribuição de frequência	PERÍODO ARCAICO (SÉC. XII AO SÉC. XVI)		PERÍODO MODERNO (SÉC. XVII AO SÉC. XIX)		PERÍODO CONTEMPORÂNEO (SÉC. XX AO SÉC. XXI)	
	Comparativas	Consecutivas	Comparativas	Consecutivas	Comparativas	Consecutivas
TYPE						
TOKEN (em %)	13%	40%	0%	14%	96%	1,4%

Tabela 2: *Distribuição em frequência token/type da construção que nem, do período arcaico ao período contemporâneo da língua portuguesa*

O período arcaico indica a predominância das construções de *que nem* consecutivo em relação às construções de *que nem* comparativo. No entanto, deve-se esclarecer que, em relação a este último, não houve casos em que apareceram construções encadeadas que equivalham à conjunção subordinativa adverbial comparativa *como*. Elas apresentam o termo intensificador, a conjunção *que* e a partícula *nem* como elemento de negação, separadamente, como em (8), a seguir:

(8) E, des que foy ally honde agora he Tolledo, vyo que aquelle logar era e~ meo da Espanha **mais que nem hu~u~** outro; e avya hy muy gra~de montanha.

(*Crônica Geral da Espanha, séc. XIV*)

No período moderno, embora o número de dados coletados tenha sido maior, observou-se ocorrência ínfima de estruturas introduzidas por *que nem* consecutivo, como apresentará o gráfico geral da análise mais adiante. Apesar disso, a frequência de ocorrência (*token*) dessas estruturas foi a mais relevante, visto que, em estruturas

comparativas, a frequência foi nula. De todo modo, houve diminuição de *types* consecutivos, caso se faça cotejo entre esse período e o anterior.

No português contemporâneo, explicita-se o ponto crucial da trajetória de mudança de *que nem*. A nova forma ganha espaço e a frequência *token* da construção *que nem* como conjunção comparativa torna-se mais expressiva; porém, as formas antigas apontam menor frequência de uso – e no *corpus* analisado, essa frequência é quase nula, mesmo que ainda sejam possíveis no uso corrente da língua. Os exemplos (9) e (10) ilustram a coexistência entre as duas formas no século XXI: o primeiro, de valor consecutivo; o segundo, de valor comparativo.

(9) “Era uma boa. Eu também tô precisando dá uma espairecida. Eu tô com **tanta** raiva do Artur **que nem** consigo pensar na Sandra direito. (Roteiro *Fim da Linha*, séc. XXI)

(10) “É. Eu achei que fosse lero-lero, **que nem** aquela história daquele deputado, como é que é o nome dele mesmo?” (Roteiro *Fim da Linha*, séc. XXI)

Para melhor elucidação, elaborou-se o gráfico a seguir, que apresenta frequências *token* para cada *type*, com o objetivo de ilustrar a trajetória de mudança de *que nem* no que diz respeito ao(s) seu(s) uso(s).

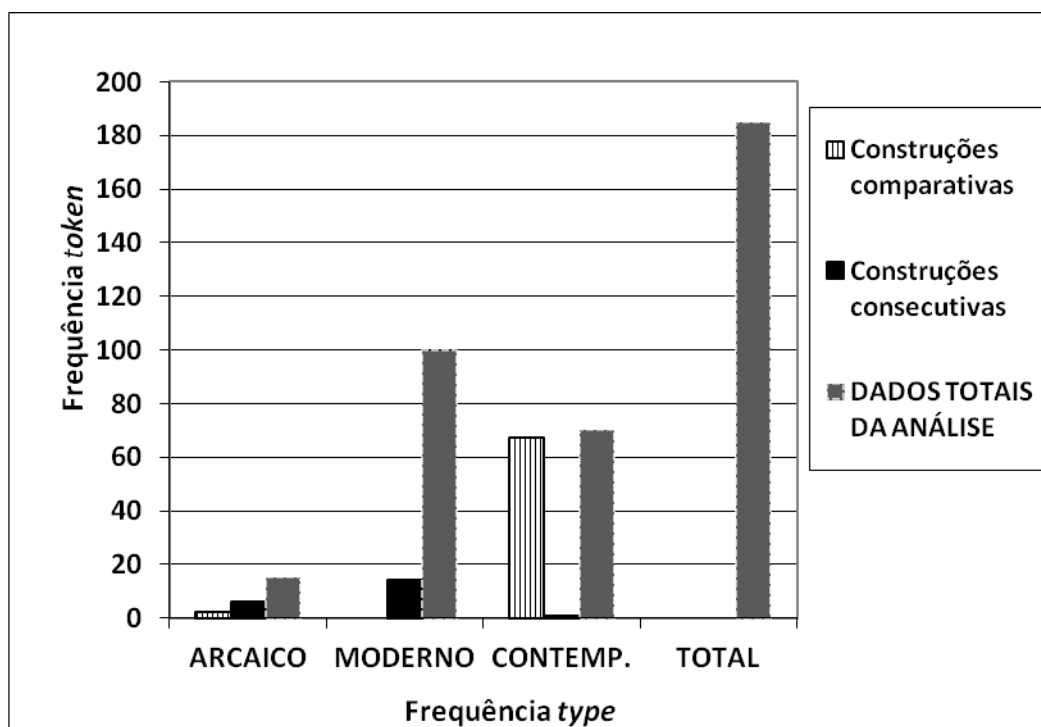


Gráfico 1: Análise da distribuição de frequência *token/type*

Uma das evidências apontadas pelo gráfico 1 reporta-se ao processo de *chunking* ocorrido com a construção *que nem*. Em todas as sentenças analisadas, ela assume uma posição fixa, sobretudo dentro da sentença em que se insere. A construção sempre aparece posposta ao verbo da oração principal, fazendo com que *que* e *nem* tornem-se cada vez mais integrados, até serem interpretados como um bloco único (*chunk*).

Recorrendo ao que defende Bybee (2010) sobre a relação entre analogia e construções, foi possível observar que houve extensão de domínios. No português contemporâneo, notou-se que a frequência *token* de *que nem* em contextos comparativos atingiu maiores níveis se equiparada à frequência *token* de *que nem* em contextos de consecução. Por outro lado, no período arcaico, *que nem* era mais comum em estruturas consecutivas.

Pode-se ainda recorrer ao “efeito de conservação de alta frequência”, também descrito por Bybee (2010), em que as formas menos frequentes passam a ser suscetíveis a mudanças. Do português arcaico ao português moderno, pode-se perceber uma diminuição de frequência *token* no que se refere às consecutivas: no primeiro período, elas representam 40% do total; no segundo período, apenas 14%.

Assim, pela proximidade semântica entre essas duas estruturas oracionais – o que já foi discutido nesse trabalho – e pela trajetória de mudança verificada nesse feixe temporal, parece ser possível que a construção *que nem* se origine de estruturas consecutivas.

Outros argumentos que podem sustentar a ideia de que *que nem* faz parte de um processo de mudança está na aplicabilidade dos mecanismos propostos por Heine & Kuteva (2007) acerca do processo de gramaticalização, que já foram citados. Com base no mecanismo de *extensão*, por exemplo, podemos corroborar a extensão de domínios já explicitada: *que nem* consecutivo → *que nem* comparativo. Uma semelhança estrutural existente entre as cláusulas ocasiona a extensão do uso da partícula *nem* para um novo contexto. A partir desse novo uso, um novo sentido é evocado pelo novo contexto, levando à extensão semântica da construção.

Além disso, verificou-se que o item foi submetido a outros mecanismos de mudança. No que diz respeito ao parâmetro da dessemantização, se ela corresponde à perda de conteúdo semântico da estrutura em processo de gramaticalização, e se em (11) e (12), a seguir, há comportamentos semântico-discursivos completamente distintos, confirma-se que tal mecanismo está relacionado à trajetória de gramaticalização aqui proposta.

(11) ZUZU Gente, eu vejo as minhas costureiras. Elas viajam **que nem** sardinha em lata, tomam condução de madrugada. (Roteiro *Zuzu Angel*, séc. XX)

(12) E tal foi Belarmino, do qual abonadas testemunhas afirmam haver conservado a graça baptismal por toda a vida, que chegou quase a 79 anos, e cuja pureza e inocência de costumes foi **tão rara que nem** pecado venial admitiu com deliberação plena. (Conto *Nova Floresta*, séc. XVII)

A *de categorização* implica neutralização das características morfossintáticas da forma antiga, incluindo perda de *status* da forma independente. Em estruturas como a já vista no exemplo (9), *nem* assume a categoria de advérbio que lhe cabe, indicando uma negação e intensidade. Em (14), por outro lado, *que* e *nem* agem juntos como uma locução conjuntiva de semântica comparativa, admitindo o esvaziamento de sentido de *nem* isoladamente. Isso faz com que essa parte da construção esteja cada vez mais distante do seu comportamento adverbial e faça parte de uma categoria mais gramatical. A substituição de *nem* pelo advérbio de negação *não* pode ocorrer, como se vê em (9’):

(9’) RENATA Eu tô com **tanta** raiva do Artur **que não** consigo pensar na Sandra direito. (Roteiro *Fim de Linha*, séc. XXI)

mas não em (14), visto que a construção *que nem* é mais integrada e, se feita a substituição, constituir-se-ia uma sentença agramatical, como em (14'). Isso pode esclarecer o quanto a construção *que nem* torna-se cada vez mais integrada.

(14) “(...)LUCIA Pára, Zuzu. Vai assustar os clientes.

ZUZU Pára não, Lucia! Eles são **que nem** eu era. (aponta os pedestres)

(Roteiro *Zuzu Angel*, séc. XXI)

(14') “(...)LUCIA Pára, Zuzu. Vai assustar os clientes.

ZUZU Pára não, Lucia! *Eles são **que não** eu era. (aponta os pedestres)

(Roteiro *Zuzu Angel*, séc. XXI)

Como visto, aplicar os critérios de gramaticalização postulados por Heine & Kuteva (2007) e basear-se nas considerações de Bybee (2010) acerca da mudança linguística auxilia a comprovação de que a construção *que + nem* passou por estágios de gramaticalização, ampliando o inventário de conjunções comparativas da língua portuguesa. Vejamos, a seguir, a perspectiva sincrônica dos usos deste “novo” conector comparativo.

4. O(s) uso(s) de *que nem* na sincronia atual

Conforme já comentado anteriormente, um item ou construção, após gramaticalizados, podem continuar a se gramaticalizar (cf. Traugott, 2009). Nesse sentido, a construção *que nem* comparativa, em seus usos mais atuais, tem apresentado comportamento diferenciado, voltando-se mais para o discurso, conforme atestam os exemplos a seguir:

(17) Nonato come seu prato com sofreguidão, como todos os demais na cela.

NONATO (V.O.) Hoje, carne moída. Ontem foi picadinho de carne e antes de ontem, bife. Quer dizer, aproveitar bem aproveitadim a carne três dias seguido eles sabe. É coisa de quem vive o dia a dia da cozinha. [**Que nem** o peixe.]

(Roteiro de *Estômago*, séc. XXI)

A constituição da estrutura introduzida por *que nem* em (17) é de Sinal de Pontuação + QUE NEM + SN. Tem-se, neste caso, um exemplo de comparativa metafórica, por meio da qual se contrasta o dia-a-dia do cozinheiro e o dia-a-dia do peixe.

Esse conteúdo semântico da comparação foi estabelecido com base em Ayora (1991, p. 16). O autor adota essa denominação para os casos em que se apresenta a intensificação da qualidade que serve para estabelecer a semelhança. Por isso, para ele, a comparação com sentido metafórico faz parte da comparação de igualdade, embora possam ser distinguidas pela estrutura formal. Assim, Ayora (1991, p. 33) destaca que a estrutura formal da comparação de igualdade é COMO + V e a da comparação de similitude é V + COMO, afirmando que nestas “as realidades comparadas se assimilam totalmente, porque a realidade ou objeto A é apresentado como idêntica à realidade ou objeto B.” Além disso, ressalta que, nessas construções, o verbo empregado é sempre o copulativo *ser*; a forma *como* pode ser suprimida ou substituída pelas expressões *igual que* ou *o mesmo que*. Com a utilização do termo *similitude*, o autor pretende realçar a ideia de que este tipo de estrutura *serve para formular um juízo qualitativo* sobre o discurso.

(18) MAGRÃO Lá na Colômbia, manja a Colômbia?

NONATO Claro, porra.

MAGRÃO Então. Sabe o que eles comem? Formiga. [**Que nem** essa.] Quando eu ia lá pegar coca, experimentei.

(Roteiro de *Estômago*, séc. XXI)

A constituição de (18) é de Sinal de Pontuação + QUE NEM + SN. Só que agora o SN vem expresso na forma de pronome anafórico, mostrando uma relação de identidade entre os colombianos e os presidiários brasileiros pelo fato de ambos comerem formiga.

(19) GIOVANNI Ah, e isso aqui, esse pedaço aqui, é o filé mignon, o que tem de melhor na carne. [**Que nem** a bunda é na mulher,] o filé mignon é o melhor do boi.

NONATO O filé mignon é na bunda do boi, é isso? Na bunda e é caro?

GIOVANNI

Eu falei que o filé mignon é o “correspondente” à bunda da mulher. O melhor. Cê não gosta de bunda de mulher?

NONATO Ô.

(Roteiro de *Estômago*, séc. XXI)

Em (19), verifica-se Sinal de Pontuação + QUE NEM + Oração, igualando atributos femininos aos bovinos, por meio de uma comparativa metafórica.

Os casos do *corpus* antes ilustrados ocorreram depois de ponto final ou no início do que seria a fala de um personagem. Portanto, parecem não pertencer à estrutura interna da predicação a que se liga, ou seja, não sendo um constituinte nuclear; podendo, portanto, separar-se da oração anterior.

Esta separação parece relacionar-se com o conceito de unidade informacional², tal como postulado por Chafe (1980). No *corpus* dos roteiros foram encontradas ocorrências de orações comparativas introduzidas por QUE NEM que constituem, por si mesmas, unidades de informação à parte, visto que aparecem isoladas como enunciado independente ou de “maneira solta”, sem vínculo com a oração matriz, fenômeno que Decat (2010) denominou de “desgarramento”.

Utilizando a abordagem funcional-discursiva desta autora, defende-se aqui a hipótese de que QUE NEM funciona como conector comparativo e de que pode promover o “desgarramento” da estrutura comparativa, principalmente, no gênero discursivo roteiro de cinema.

O “desgarramento” de *que nem* parece confirmar a hipótese de que, tendo em vista que a estrutura linguística tem seus usos sempre atrelados ao evento comunicativo, seu uso reflete contextos interacionais de fala muito mais do que de escrita e, por isso, caracterizam um maior grau de informalidade. Nos roteiros analisados parecem caracterizar mais as falas dos personagens do que os comentários do roteirista.

Embora no *corpus* estudado até o momento não se tenha observado um número grande de comparativas “desgarradas” (apenas 8), a análise qualitativa empreendida serve de indício para confirmar algumas tendências das construções iniciadas por *que nem* “desgarradas”, conforme brevemente comentado.

² Chafe (1980) entende por unidade informacional um “jato de linguagem” que apresenta o máximo de informação que pode ser manipulada pelo indivíduo em um único foco de consciência.

5. Considerações finais

Embora a análise aqui empreendida seja bem preliminar, serve de indício para confirmar algumas tendências das construções iniciadas por *que nem*.

Como conectivo comparativo, *que nem* é resultado de um processo de gramaticalização e constitui uma construção da língua portuguesa. O que pensamos é que esse item seja um par forma-significado que, ao ter seu uso e sentido estendido, passa a ser interpretado como um único bloco de sentido. Assim, ao passar a ser interpretado como conectivo comparativo, a composicionalidade da estrutura formada por *que* e *nem* se perde.

Os dados analisados sugeriram, ainda, que a trajetória desse processo pode ter sua origem em estruturas consecutivas correlatas, passando por comparativas correlatas e chegando a comparativas assimilativas, ou seja, aquelas que podem ser introduzidas por *como* comparativo. No entanto, uma análise pormenorizada, com detalhamentos acerca dos gêneros textuais, momentos históricos e contextos discursivos poderá caber em trabalhos futuros, trazendo novas conclusões.

Viu-se também que, considerando-se prototípicas as comparativas iniciadas por *como* e não-prototípicas as encabeçadas por *que nem*, seu uso pode ser considerado uma inovação pelo fato de este favorecer o “desgarramento” das comparativas. Isso evidencia que essa construção já atinge o nível do discurso, estando a serviço dos objetivos comunicativos dos falantes.

Referências bibliográficas

- AYORA, A. Moreno. *Sintaxis y semántica de “como”*. Málaga, Editorial Librería Ágora, 1991. Cuadernos de Lingüística 12.
- CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W.L. (Ed.) *The Pear Stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood, Ablex, 1980.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge, UK: CUP, 2010.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.
- DECAT, M. B. N. *Estruturas desgarradas em língua portuguesa*. Campinas/SP: Pontes, 2011.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a construction Grammar approach to argument structure*. The University of Chicago Press: Chicago and London, 1995).
- HEINE, Bernd. Grammaticalization. In.: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *The genesis of grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. Porto Alegre, Globo, 1976.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (1994b). Para uma caracterização do português arcaico. *D.E.L.T.A.*, 10 (nº. especial): 247-273.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 36. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2006.
- TRAUOGOTT, E. C. Grammaticalisation and construction Grammar. In: CASTILHO, Ataliba T. *História do português paulista*. Campinas: IEL/ Unicamp, 2009, p. 93-101. Série Estudos, v.1.